

HISTÓRIAS DE VIDA DE MULHERES IMIGRANTES JUDIAS: O CASO DA BIBLIOTECA SCHOLEM ALEICHEM

LERNER, KÁTIA

97ST1214

Este trabalho situa-se no bojo de uma pesquisa realizada para a minha dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de pós-graduação da Escola de Comunicação da UFRJ. Trata-se de uma etnografia realizada com sete mulheres imigrantes judias residentes no Rio de Janeiro, que chegaram ao Brasil entre os anos 10 e 40. Na época da pesquisa, a idade média destas senhoras variava em torno de 80 a 90 anos. Foram entrevistadas mulheres oriundas de diferentes países, tais como Áustria, Rússia, Romênia, Turquia e Egito. Tal diversidade se expressava também nas condições de vida em seus locais de origem, onde se podem encontrar acentuadas diferenças não apenas em termos sócio-econômicos, mas também na organização familiar, educação formal recebida, inserção política, práticas de rituais, etc. Entretanto, pode-se dizer que hoje a situação sócio-econômica que estas imigrantes desfrutam é bastante semelhante: todas pertencem às camadas médias urbanas. Atualmente, todas são viúvas. O enfoque privilegiado nas entrevistas foi a análise de suas histórias de vida; através da escuta das narrativas sobre suas trajetórias desde a terra natal até os dias atuais ia tentando compreender as categorias a partir das quais construíam sua identidade étnica e social(1). As recordações sobre suas vidas envolviam uma série de lembranças a respeito de lugares, eventos históricos e atividades. Dentre as diferentes etapas de sua trajetória, buscou-se privilegiar neste artigo alguns dos aspectos ligados às suas estratégias de inserção no novo contexto de vida, após a sua chegada ao Brasil. Uma das primeiras questões relevantes a se abordar sobre este processo de integração é que, ao falarem sobre este período de chegada no novo país, as entrevistadas narravam seu estabelecimento a partir de uma ótica eminentemente judaica. Isto implicava dizer que falavam não apenas a partir deste ponto de vista específico, mas que também demonstravam uma organização marcadamente ordenada por critérios étnicos. Isto dizia respeito não apenas ao local onde assinalavam ter sido o escolhido para fixar residência (bairros que eram identificados pelos judeus como bairros judaicos, ou repletos de judeus, como por ex. a Praça Onze, Olaria ou Copacabana), como também toda as recordações sobre vizinhos (invariavelmente eram citados os conhecidos judeus), seus marcos temporais (as festas judaicas), a atividade de seus familiares (comentando sobre estas atividades, várias senhoras diziam: eram prestamistas, como todos os judeus - grifo meu)

Entretanto, se os relatos sobre esta etapa apresentam semelhanças quanto ao forte referencial étnico que eles trazem consigo, não se pode dizer que isto se dê de forma homogênea. Entre outras coisas, pode-se dizer que a forma como cada uma delas tematiza sobre a cidade e o processo de integração apresenta diferenças significativas. Apesar das inúmeras variações que se pode observar, privilegiarei nesta exposição a narrativa de um grupo específico destas senhoras, originárias do leste-europeu. Estas senhoras mantêm um convívio há mais de 50 anos, que se iniciou com a participação nas atividades da Biblioteca Scholem Aleichem, e se estendeu pelas instituições femininas judaicas de esquerda que elas criaram, perdurando até o momento da pesquisa, através da frequência a um círculo de leituras, uma reunião semanal onde se encontravam para ler livros, artigos de jornais, e outros textos de seu interesse.

Irei investigar as recordações de Rosa, Léa e Brenda(2) acerca das atividades institucionais que realizavam, as quais, além do aspecto étnico, estavam relacionadas a um forte comprometimento ideológico. Trata-se, portanto, de analisar não apenas suas narrativas sobre as estratégias de interação e adaptação no novo país (qual a representação que faziam sobre este momento de reinserção, os papéis sociais que desempenhavam, etc.), como também o viés ideológico presente nestas passagens. Ou seja, tenciona-se investigar como se articulam etnicidade, mobilização comunitária e mobilização político-partidária, indagando qual a concepção política de etnicidade que está presente no discurso sobre estas instituições e atividades, e como ela contribui para a demarcação de suas fronteiras sociais.

Caberia iniciarmos escutando a fala de Rosa. Esta narrativa é particularmente contundente, na medida em que esta senhora vincula integralmente o seu processo de estabelecimento no novo país a suas atividades na Biblioteca Scholem Aleichem, e nas instituições que se criaram a partir desta atuação. Ela diz:

Bom, então, eu cheguei pra cá, a minha tia, o meu tio eram também pessoas progressistas, e trabalhavam, iam sempre na Biblioteca Scholem Aleichem. Você já escutou da Biblioteca Scholem Aleichem ? E eu sempre, todos os imigrantes, que eram mais ou menos com os pensamentos, com inclinações progressistas vinham para a Biblioteca. Era um lugar, onde os imigrantes se juntavam, tinha conferências, tinha trabalho não sionista, trabalho iídiche(3) inclinado para as idéias mais progressistas, não é comunismo, mas idéias universais mas não muito nacionalistas, e eu logo comecei a ficar muito ativa lá na biblioteca, e fiz amizades, tinham muitos imigrantes...

Léa, por sua vez, revela igual importância da Biblioteca em seu processo de adaptação e socialização no novo país:

Aí, eu comecei a estudar iídiche, e português. Por quê ? Eu tinha 19 anos, naturalmente, não queria ficar em casa, aí eu, uma moça veio me conhecer. Sabe, a curiosidade era grande, chegou uma pessoa da Bessarábia, da Rússia, saber qual. E eu era entusiástica com o comunismo, que era bom, mas lamentava, eu não podia, eu não tinha ainda uma noção profunda que eu tenho aquela idéia, ou outra idéia. (...) e ela me levou para a Biblioteca Scholem Aleichem, que era muito progressista, ainda 65 anos atrás. (...) E ela, ela se chamava Bertha Goldberg. E ela já era do partido, muito ativa. Aí eu simpatizei já dele lá, e comecei a atuar aqui também. Quer dizer, eu conheci mais naquele tempo, a minha tia, essa Sroulevich, que ajudou também bastante... [Como é que essa dona Bertha descobriu a senhora ?] Porque no Méier, meu irmão morava no Méier, e eu depois também morei...(Léa)(4)

Segundo alguns autores, a Biblioteca Scholem Aleichem (BIBSA) foi fundada em 1914, e constituía-se um importante pólo aglutinador da juventude imigrante do início do século. Ela proporcionava inúmeras atividades como debates literários, conferências, noites de perguntas e respostas, discussões sobre assuntos políticos, conduzidos principalmente em iídiche(5). Samuel Malamud, em seu livro intitulado Recordando a Praça Onze(6), ressalta que, a princípio, ela não apresentava nenhum tipo de tendência ideológica, mas que com o correr do tempo as divergências ideológicas dos imigrantes acabaram por se refletir nas instituições comunitárias judaicas, e a Biblioteca passou a se tornar sede de uma determinada facção:

Na época de sua fundação, a biblioteca não tinha nenhum colorido político ideológico. Mas, com o decorrer dos anos, começaram as divergências, como reflexo natural das que existiam nas comunidades da Europa Oriental. Conservadores e progressistas, religiosos e laicos, sionistas e anti-sionistas desencadearam, na vida comunitária, dissensões que se refletiam, de imediato, na estrutura e na direção das entidades atuantes. Deflagrada a luta pelo domínio das instituições comunitárias, a Biblioteca Scholem Aleichem foi ocupada pelos esquerdistas. Sua sede, então, passou a ser o ponto de encontro dos chamados progressistas.(7)

A associação da Biblioteca Scholem Aleichem com o que se costumou chamar de progressismo é notória não apenas no relato do cronista judeu (que pelo seu depoimento e por sua biografia sabemos não afinar-se com esta tendência), mas na fala das próprias narradoras. Já num primeiro olhar, seus depoimentos revelam imediatamente esta conexão, e também a predominância de tal referência no estabelecimento de importantes marcos de identidade. Isto se expressa não apenas pela dimensão que a Biblioteca parece tomar em suas vidas, como também nas categorias que são acionadas.

Sobre o primeiro ponto, podemos identificá-lo com bastante nitidez quando Rosa diz que somente começou a viver a vida verdadeira quando chegou ao Brasil, através de suas atividades na Biblioteca e outras afins. Ela

compara sua vida de mocinha com a que passou a ter no Brasil, e, a despeito de todo o orgulho anteriormente demonstrado pela trajetória política na Romênia(8), comenta:

Não, eu estou aqui no Brasil a mesma coisa que - contrário, lá eu era mocinha, eu era despreparada, eu cheguei aqui, comecei a vida verdadeira aqui, porque lá não deu tempo de eu me desenvolver muito. Era mais fechado, especialmente quando estive já sendo procurada, e tava vivendo em Bucareste, aí eu não tive muito contato com jovens, eu não tava levando uma vida...aqui não, aqui eu entrei logo na vida, comecei a ter amigos, e...

Léa, em suas constantes comparações entre a terra natal e o novo país, também deixa bastante clara a importância desta nova etapa de sua vida. Em ambos os casos, parece estar presente a idéia de que a vida no Brasil irá inaugurar uma vida adulta. Rosa, por exemplo, contrapõe a vida de mocinha que levou na Romênia, seu despreparo juvenil com uma atuação mais madura, onde começa realmente a viver. Léa, por sua vez, também ressalta esta diferenciação, onde a frequência à BIBSA está ligada à inauguração de um novo ciclo de vida. Desse modo, percebe-se que esta passagem de etapa não se relaciona exclusivamente com as possibilidades oferecidas pelo novo país, mas adquire uma especial ênfase quando relacionada com a atuação exercida na Biblioteca.

Entretanto, a força simbólica da BIBSA parece não se esgotar nesta idéia de passagem, e está ligada a outros fatores importantes. O modo como elas mencionam esta instituição parece inserir-se num determinado viés do fluxo narrativo de suas trajetórias, harmonizando-se, de certo modo, com a construção de um background político específico, e que irá permear toda a sua narrativa. A Biblioteca apresenta um papel de destaque, e parece representar a gênese desta trajetória, o marco inicial onde se inicia uma nova identidade que se expressa pelo termo de progressistas. Esta compreende uma série de relações, atividades e compromissos, delineando um estilo de vida específico e implicando numa visão de mundo que marca sobremaneira seu discurso. A referência aos valores que são supostamente atribuídos à Biblioteca e seus frequentadores é constante e nem sempre explícita, formando uma comunidade afetiva imaginária que representa um forte grupo de memória.

Caberia portanto deter-nos um pouco mais na descrição por elas feita do papel da Biblioteca na dinâmica de suas vidas neste período, e esmiuçar as questões que isto implica. Ao descreverem suas atividades, elas deixam transparecer como esta organização estava profundamente vinculada às demais esferas de seus cotidianos. Observa-se uma rede institucional que era apoiada por uma ampla rede informal que tinha sua base nos grupos familiares. Não é coincidência que as três senhoras tenham contado que chegaram a ela (direta ou indiretamente) através de parentes(9), e que sejam mencionados diversos casos de familiares que a frequentavam conjuntamente. Também não é fortuito que suas atividades de lazer, círculo de amizades, etc., girassem quase que exclusivamente em torno dela, e que seus namoros e casamentos tenham se dado dentro deste ambiente, estreitando os laços sociais já existentes. Nas palavras de Rosa, a nossa vida era a sociedade:

As recordações destas senhoras sobre a Biblioteca apontam como ela surge, em sua memória, a partir da perspectiva de seu grupo familiar, ideológico e étnico, simultaneamente. Esta sensação, por sua vez, tampouco parece ser gratuita, na medida em que elas apontam uma fusão entre estes diferentes grupos. Eram os parentes que as levavam para este local, e o faziam mediante a um engajamento ideológico que elas também dispunham (ou passavam a ter); estes mesmos parentes eram iídiche, e esta era, acima de tudo, uma instituição comunitária. Este entrelaçamento das diferentes esferas de suas vidas - grupo étnico, religioso(10), social, familiar, ideológico - revela a formação de um grupo de caráter particularista, onde os critérios de pertencimento e adesão são extremamente fechados, condicionados a elementos como genealogia, parentesco e ideologia.

Tal observação nos remete a outros desdobramentos, e um determinado trecho de uma passagem anteriormente citada pode ser bastante útil para refletirmos sobre eles. Trata-se do momento em que Léa diz que uma moça que não a conhecia, Bertha Goldberg, foi à sua casa para conhecê-la e levá-la à Biblioteca. Este e outros exemplos sugerem como, em seus discursos sobre esta instituição, os espaços público e privado se interpenetram. Tal passagem em especial é bastante elucidativa: a moça, mesmo sem conhecê-la, penetra

em seu espaço privado sob o respaldo implícito de que é igualmente judia e imigrante, transformando o privado em público, ao mesmo tempo em que faz do espaço público - a Biblioteca - um ambiente familiar e aberto. Tem-se a impressão de que a vida pública e coletiva (a Biblioteca, a sociedade, a colônia judaica) é falada a partir da ótica do privado e individual. Por isso mesmo, não é raro encontrarmos a utilização do termo casa associado a este local. Rosa nos fornece outro exemplo ao comentar sobre os sentimentos motivados pela vida no novo país e, em especial, motivado por sua frequência à BIBSA. Sugestivamente, ela diz: estou na minha casa.

A importância da Biblioteca no imaginário destas senhoras revela-se não somente mediante os aspectos analisados, como também a partir de outros elementos. Entre eles, cabe destacar a força simbólica que ela apresenta, onde ser da Biblioteca implica em pertencer/possuir uma identidade social bastante demarcada. A análise dos trechos inicialmente transcritos nos ajuda a perceber isto; um dos primeiros pontos a ser destacado diz respeito à já citada associação da Biblioteca com o que eles denominam progressismo. Ou seja, a pertinência a esta instituição e, mais ainda, a este grupo, estava vinculada a uma comunhão ideológica que condicionava a seleção (informal) e a adesão de seus membros. Como Rosa diz, todos os imigrantes que eram mais ou menos com os pensamentos, com inclinações progressistas vinham para a Biblioteca. É interessante assinalar que aqui, novamente, a categoria imigrante aparece com destaque, e parece fundir-se com outra: ao mencionarem esta noção, está implícita a idéia de que eram imigrantes judeus. E, mais ainda, embora também não esteja evidente, são imigrantes judeus de uma determinada procedência: o leste europeu - ou seja, são ashkenazis.

Um outro detalhe importante que aparece nas narrativas analisadas é a forma como elas se referem ao trabalho na BIBSA: é o trabalho na sociedade. Este termo sugere algumas questões diferentes; a primeira que as categorias judeu, imigrante, progressista vêm acompanhadas da idéia de conjunto, coletivo. Ou seja, que pensar-se nesta situação é antes de tudo pensar-se coletivamente - e não individualmente, a partir de estratégias particulares. Não seria a idéia de que ser judeu é algo pessoal, de foro íntimo (acionando um imaginário individualista), ou que a condição de imigrante se dá apenas porque houve um deslocamento territorial. Trata-se de uma experiência individual que é coletivamente compartilhada, e que as insere num grupo mais amplo. No caso, este grupo seria a sociedade/ a colônia (ou seja, um grupo que ultrapassa a família), que, por sua vez, encerra (como enfatizamos antes) uma concepção particularista, a qual por isso mesmo em momento algum sugere ultrapassar seus próprios limites. Este grupo é apresentado como tendo pouca interação e preocupação com questões relativas à sociedade maior circundante, e esta observação pode ser exemplificada pelo comentário de Léa de que todo o Rio de Janeiro ia àqueles empreendimentos. Ou seja, para ela, o Rio de Janeiro inteiro compreendia apenas aquele grupo específico; a sociedade em questão não era a brasileira, mas aquela formada apenas pelos progressistas.

Como vimos, a categoria progressista aparece repetidamente em suas narrativas, e vem associada a algumas outras noções complementares. Entretanto, por mais que eu a escutasse constantemente ao longo das entrevistas, eu não conseguia entender com precisão o significado deste termo. O que elas estariam exatamente querendo dizer por esta noção? Ao analisar suas falas, percebi que minha dificuldade em parte estava relacionada ao fato de que elas mesmas muitas vezes atribuíam-lhe diferentes sentidos, ou então utilizavam-na de modo bastante vago.

Léa, por exemplo, constantemente associava este termo com ser comunista, fazendo alusões ao trabalho partidário (no Partido Comunista Brasileiro) ou então ao comunismo de seu tempo da Rússia, enquanto Brenda fazia questão de deixar claro que não era exatamente isto. Por outro lado, ao perguntar a esta mesma senhora (Brenda) por que os judeus apenas se referiam aos indivíduos ligados às instituições de esquerda como a Biblioteca, etc., como progressistas, desdobrando a pergunta para qual a diferença entre progressista e comunista?, ela me respondeu que os progressistas assim se denominavam para escapar das enormes perseguições aos comunistas no tempo de Getúlio, e então essa era uma forma de "disfarce". Minha dúvida portanto permanecia: ser progressista era o mesmo que ser comunista? Ao realizar a mesma pergunta para Rosa, esta me respondeu que eram coisas totalmente diferentes, separando simpatizantes (os progressistas) de comunistas. Seria interessante ouvir a fala de Brenda sobre esta questão:

[Dona Brenda, como era o envolvimento dos progressistas com o PCB? Em geral eles eram filiados ao partido ?] Não, não. Não eram filiados. Eles eram, por exemplo - mas eles seguiam certas diretivas aplicáveis ao ambiente. Por exemplo, quando eles, quando foi preciso comprar a colônia, pediu-se a opinião a eles, se podia comprar ou não ... [Comprar a colônia... ?] Aquela colônia das crianças, que nós compramos, né, então veio por intermédio de um ou dois, que estavam lá dentro, todos, não. Mas os outros, sem saber, mais ou menos, disfarçadamente traziam essas instruções. Então, por exemplo, estava a Rosa lá dentro, a Rosa era nossa, então a Rosa lançava : "Ah, vamos fazer uma colônia... ", não-sei-que-lá, e era, por exemplo, aqueles mais simpatizantes, como eu, a Frima, e outros, que não pertenciam ao partido, mas que ela sabia que podia confiar, ela dizia : "Eu vou fazer isso, vocês me apoiam ". A mesma coisa, como se fosse uma eleição, então a gente fazia isso. "Ah, como é que é ", e tinham as instruções, assim também outras providências, ou outros modus vivendi, outras maneiras de encarar uma certa situação, qual é o partido, como eles tinham, por exemplo, em eleições, qual o partido que eles deviam apoiar. Evidentemente, o PCB precisava saber quais os elementos, entende, o PCB era ilegal, eu falo PCB mas eram outros partidos que estavam atrás do PCB, de vida legal. Então, as pessoas indicavam, "Ah, você vai votar nesse ", então a gente votava, maciçamente...[É porque me falaram uma coisa que eu não entendi direito, numa entrevista, me disseram que havia um setor do PCB que era a "ala judaica do PCB ", como é isso?] Mas é isso ! Era esse grupo, era esse grupo que era a ala - vamos dizer que fossem 10, 12, então esses 10, 12, se reuniam e então diziam assim : "O que nós vamos fazer, como é que nós vamos fazer as leituras, como é que nós vamos fazer a associação, como é que nós vamos agir contra os reacionários do outro lado", entendeu, e traziam as diretivas. [Mas no caso, eles não eram formalmente ligados ao PCB, eles eram filiados ?] É. Filiados, e eles recebiam instruções. Então, com essas instruções, vamos dizer, um trabalhava junto à escola, tinha lá uma escola na Tijuca ; outro trabalhava junto à Biblioteca Scholem Aleichem, que era a antecessora da ASA, né, e mesmo por ser eu acho que a ASA não... e outras, vamos dizer, mulheres, junto à Associação das Mulheres, que fundou a colônia, e tudo isso.

Ou seja, segundo Brenda, ser progressista implicava em ser simpatizante de esquerda, desenvolvendo atividades dentro de instituições judaicas de esquerda como BIBSA, etc., mas não necessariamente estando filiado ao Partido Comunista Brasileiro. Dentro destes simpatizantes, havia um grupo restrito que era formalmente vinculado ao PCB (formando o que ela denomina a facção judaica deste partido), e que não se identificava abertamente como tal (ninguém sabia quem era filiado dentro da BIBSA, só parentes e amigos mais chegados) temendo que esta informação vazasse para a polícia getulista, na época promovendo uma grande repressão aos comunistas, e mantendo este partido na ilegalidade.

No caso, Brenda alega que o temor residia em que os próprios companheiros judeus não-filiados, temendo se comprometerem demais, dedurassem seus companheiros(11). Este tipo de colocação deixa transparecer uma diferenciação interna dentro dos próprios progressistas, uma oposição filiados x não-filiados, que se observa também no discurso de Rosa (que era filiada) e Léa (que era apenas simpatizante, mas que também faz freqüentemente esta distinção, posicionando-se no outro lado). Parece haver portanto uma dupla distinção, algo como uma constante delimitação de fronteiras: os filiados estão dentro da colônia judaica, mas diferenciam-se dos demais pelo seu vínculo mais estreito com o esquerdismo (a filiação); por outro lado, estão dentro do Partido Comunista mas diferenciam-se dos demais pelo seu vínculo mais estreito com a colônia (são da facção judaica).

Ainda segundo outros relatos coletados sobre o tema, estes membros do PCB traziam determinadas diretrizes do partido para serem efetuadas dentro das instituições comunitárias, embora o fizessem discretamente, através da articulação política (persuasão de outros ativistas progressistas a votarem em candidatos de tendência comunista, por exemplo), que desfrutavam do apoio de alguns poucos progressistas que sabiam quem era ou não filiado. Entretanto, apesar desta relativa distância entre as instituições, o PCB tinha algum tipo de ingerência sobre as deliberações dos grupos ligados à Biblioteca Scholem Aleichem. Um exemplo disto foi a consulta feita ao partido sobre a abertura ou não da colônia de férias, e também uma outra passagem mencionada por uma das entrevistadas sobre eventuais relações a nível financeiro entre as duas instituições, onde parte do montante arrecadado dentro da comunidade, caso não fizesse falta, poderia eventualmente ser deslocado para as necessidades do Partido, o que era feito de modo discreto, sem ser submetido ao crivo formal dos demais ativistas progressistas.

A referência ao PCB é bastante forte no discurso destas senhoras, e em especial na narrativa de Brenda. Ela entretanto foi a única a manifestar algum tipo de desconforto ao abordar o tema, e em diversos momentos em que este assunto surgiu, ela pediu para que nossa conversa não fosse gravada. Seu argumento era que tais informações eram na época sigilosas e, como a gente nunca sabe o futuro (referindo-se a uma hipotética volta da repressão sobre o comunismo), preferia que eu não salientasse os aspectos políticos. Isto inclusive chegou a gerar uma grande desconfiança de sua parte em relação à minha pessoa, na medida em que nossa primeira entrevista versou, na primeira parte, sobre assuntos familiares atuais (que ela achava não serem importantes), e, da segunda metade em diante, basicamente sobre as atividades do meio progressista e, em especial, as atividades de seu cunhado que tornou-se ativo militante pelo PCB a partir dos anos 30. Desse modo, sutilmente levantou a suspeita de que eu tivesse um interesse oculto nesta questão ideológica, e estivesse utilizando o pretexto da imigração judaica para obter tais informações.

Na verdade, ao encontrá-la, eu não sabia desta intensa atuação de seu cunhado(12), e dispunha de pouquíssimas informações sobre a militância de esquerda judaica; entretanto, era ela quem constantemente tocava no assunto, trazendo episódios contundentes, ao que eu obviamente me interessava de imediato. Desse modo, ela acabou narrando-me inúmeras passagens sobre este tema, parecendo não se dar conta de sua própria necessidade ou desejo de falar sobre ele, mas deixando evidente sua importância no conjunto de sua história pessoal. Por um lado, parecia estar se configurando um mecanismo onde, assim como foi detectado em diversos outros momentos de nossa entrevista, ela estava construindo uma imagem (para mim e provavelmente diante seu grupo de convívio atual) sobre si mesma que evidenciava um determinado aspecto de sua trajetória; a atuação de seu cunhado, que, segundo ela, chegou a assumir importantes postos na hierarquia do partido e apresentou uma dedicada e idealista atuação, eram elementos de grande orgulho pessoal e admiração, e certamente (em sua visão) passíveis de despertar os mesmos sentimentos em quem partilhava de valores afins.

Por outro lado, a intensidade com que apresentou os fatos levou-me a pensar que isto seria algo que transcenderia uma interação momentânea (relativa à entrevista, a uma possível expectativa de veiculação de sua imagem, etc.), mas teria perdurado pelas diferentes etapas de sua trajetória. Tratava-se de um referencial mais profundo de sua identidade social, onde através da história de seu cunhado Brenda teria vivido a bravura, o engajamento, enfim, emoções e atuações que talvez por si só (através de sua própria história) não teria se disposto a tal, por diversos motivos. Certas passagens de seu depoimento contribuem para reforçar esta fusão de papéis:

Bom, e a minha parte, eu estou muito a par, porque, por causa dessa convivência com meu cunhado eu estava, ele não ia me contar os segredos íntimos, mas eu sabia da organização, eu sabia o que servia, o que não servia, o que era, o que que não era, eu estava a par, e além disso, eu aí me tornei uma pessoa fora do partido, mas com todas as possibilidades, com todos os conhecimentos de uma pessoa partidária, e com a fé e a vontade de atender, e servir, como uma partidária, sem muita... mas o que eu podia fazer, dentro do nosso grupo, eu era considerada como partidária. Então eu sempre votava a favor, compreende, era isso. E quando... eu tinha que executar certas coisas, quando não essas mais chegadas assim chamavam atenção : "Ah, você está fazendo ", não-sei-o-quê, " Importante, tem que fazer " eu fazia, eu tinha que falar, eu tinha que escrever, sobre uma coisa assim, então eu procurava não escrever demais nem me comprometer demais por isso. Eu tinha a família comprometida.

A questão do PCB é também fundamental na narrativa de Rosa, embora adquira contornos diferentes. Esta senhora deixa transparecer a importância desta instituição em sua trajetória, mas detém-se menos tempo que sua companheira nesse tema. É interessante que algumas vezes Brenda me perguntava a Rosa não lhe falou sobre isso? (referindo-se às suas atividades no PCB), como se esta senhora fosse para ela uma referência desta militância, e que houvesse de sua parte uma expectativa de que certamente este assunto teria sido mencionado por ela (Rosa). Desse modo, me levava a pensar até que ponto a narrativa de Brenda não estaria condicionada, neste momento, por uma associação com esta corrente de memória: ao colocar-se do ponto de vista do grupo onde freqüentava junto com Rosa e outras senhoras ligadas a tais atividades originalmente de esquerda (o círculo de leituras), acionaria todo um leque de recordações que a impulsionaria a fornecer determinados tipos

de lembranças, ao mesmo tempo em que imaginava que eu estaria interessada especialmente em ouvir este tipo de assunto. Ao que parece, não se dava conta deste mecanismo, e não é à toa que falava espontânea e efusivamente sobre o tema, e que depois ficou desconfiada de minhas reais intenções, projetando para mim o seu próprio desejo de abordá-lo.

Rosa, por sua vez, falou contidamente sobre sua experiência no PCB, não sei se em parte guardando uma postura discreta que foi descrita como a conduta destes integrantes, em parte talvez por achar que meu interesse residia mais nas suas atividades comunitárias judaicas (nas quais deteve-se por um longo tempo), e em parte ainda por parecer ela mesma ter na sua atuação dentro destas atividades o foco principal de suas realizações. Sua narrativa diferencia-se da de Brenda na medida em que fala sempre a partir de um eu ativo (é o sujeito de seu discurso), e expressa uma maior ambigüidade acerca das fronteiras e da pertinência ao partido comunista e ao grupo judaico:

[E como comunista, a senhora alguma vez teve medo?] Não, eu não estava comprometida com o comunismo oficialmente. [A senhora nunca se filiou ao Partido Comunista aqui no Brasil?] Eu tava, mas não diretamente ligada, porque naquele tempo o comunismo estava organizado em forma de setores, setor ídiche trabalhava separado, outros setores separado, porque se a gente tivesse trabalhado no central, a gente podia ter sido mandado embora do país, se pegasse, então eu tinha só movimento em torno dos meus amigos ídiche, e também progressistas. [Mas eu não entendi uma coisa, esse setor ídiche, ele fazia parte do Partido Comunista Brasileiro?] Tinha, aliás, muitos, não todos, não eram as pessoas todas que vinham na Biblioteca, a Biblioteca não tinha nada com isso; pessoas que vinham também na Biblioteca, mas separadamente, tavam, às vezes, alguns deles tava ligado ao partido do grupo deles ídiche, e alguém, alguém, não todo mundo estava ligado com alguém do Partido. [Então era uma coisa individual, não é uma coisa como um grupo? Se uma pessoa que estava lá, então ia...] Não, era um grupo, era um grupo, mas uma pessoa estava ligada com alguém dos não-ídiche. [Vocês nunca tiveram vontade de atuar mais politicamente como eles, vocês tinham uma atuação em separado?] Não, não podia, nem permitia, o partido não permitia naquele tempo isso, o Partido Comunista central só admitia o trabalho comunista em forma de setores, setor de inspetor inglês, setor japonês, só, setores, cada setor tinha seu grupo comunista. [No caso mesmo se vocês se naturalizassem brasileiros...?] Não, nós éramos brasileiros, eu era brasileira, mas mesmo assim eles podiam me mandar embora daqui, se eu fosse comunista pega. A gente ajudava, sabe como é, os presos políticos, a gente juntava dinheiro para ajudar. [Vocês mandavam também dinheiro pra eles, pros presos políticos ?] Ajudava por intermédio de alguém, os presos políticos e... [Mas a comunidade judaica, como um todo, tinha relação com essas questões...?] Não, a comunidade geral não, tinha pessoa que, assim como toda nação, tem pessoas de todas as ideologias, e na nossa sociedade judaica também tinha pessoas ligadas com idéias comunistas. Mas o comunismo mesmo central, o Prestes, ninguém de nós judeus não estávamos ligados.

Até o momento, vimos como a categoria progressista está ligada a vários sentidos distintos. Considerar-se como tal implicava em diversos momentos autodesignar-se simultaneamente imigrante, judeu, ashkenazi (em especial do leste-europeu), acionar uma relação de coletividade (e não de individualidade), ser de esquerda... entretanto, o que esta categoria implicava em não-ser?

Para tentar responder esta pergunta, valeria a pena colocar alguns trechos em que isto fica um pouco mais evidente:

Na comunidade tinha sempre uma briga muito grande entre os sionistas e os progressistas. Quando eu cheguei tinha já, é...uma sociedade sionista, eles tinham também o salão na cidade, e às vezes, tinha empreendimentos culturais que não deixavam entrar pessoas progressistas. [Ah! Eles proibiram?] Proibiram a entrada. Tinha uma grande guerra entre progressistas e sionistas. Agora já nos últimos tempos não tem mais isso. [Mas qual era o motivo da guerra ?] Motivo era que os...não-sionistas não são judeus, são inimigos de Israel. Assim que eles disseram. [Não entendi. Os sionistas diziam que os não-sionistas eram inimigos... ?] Inimigos, é... [E eles eram?] Não, que nada, nunca era inimigo de Israel ! Não eram, não eram sionistas, mas não eram, não

trabalhava pra Israel, mas não eram inimigos. [Sei. E tinha algum outro tipo de conflito?] De conflito não, não, só era entre sionistas e progressistas. (Rosa)

E, bom quando ele [o marido] era solteiro (...) ele freqüentou muito aquelas associações Kadima, e umas outras associações, que eu não freqüentei, eu freqüentei uma chamada "Azul e Branco Club", da qual, cuja diretoria também fiz parte. Mas depois eu deixei, né, porque passei pro outro lado. [Mas por quê, qual era o lado desse clube?] Era assim, meio neutro, mas sendo conquistado pela parte de lá, então... [Pela parte de lá...?] Por causa desse meu cunhado, nós passamos a freqüentar a Biblioteca Israelita Scholem Aleichem, ficava na Praça Onze, quando nós começamos a freqüentar, então ele me atraiu pro outro lado, aquilo era para moças, assim... [Mas o que a senhora está chamando parte de lá, os sionistas?] Sionistas; como nós não éramos sionistas, nós éramos mais favoráveis ao progressismo, né, principalmente ao comunismo... [Me fala um pouco dessa divisão entre os sionistas e os progressistas...] Olha, a divisão era uma coisa muito radical, que eles não admitiam - as principais associações dos - isso eu não queria que gravasse não... [Quer que eu desligue?] Essa parte pode desligar. (Brenda)

mas tinha tudo, eles tinham sinagogas primeiro, fundaram, tudo em volta das ruas, assim, em volta de onde é aquele ângulo Santana, né, e tinha clubes, tinha Yudenclub, clube onde todo sábado e domingo tinha conferências, tinham bailes para a juventude se conhecer, dançaram... [E a senhora ia?] Eu não. Nesses eu não fui, não. Eu ia no da Biblioteca. [Por quê...?] Eram do, de, não é sionista, mas toda moça bem comportada ia no Yudenclub. Biblioteca já ia quem simpatizava, e lá é pra todo mundo, quer dizer, quem queria casar, queria conhecer, queria se divertir; aqui também tinha a mesma coisa, também tinha bailes, tinha... eu, por exemplo, eu não ia, porque não tinha, minhas amigas iam lá, eu já ia lá, tá entendendo? Mas não é, eu podia ir, seria bem recebida e eu também me sentiria bem, porque não era partidos, nem política, é só se divertir, e vida social, tá entendendo? [A senhora fala muito da divisão entre progressistas e sionistas...] É, com o tempo se formou isso, e agora, por exemplo, eles todos, no Méier - quando você falar com Regina, ou com sua avó Léa(13), ela vai dizer: "A Léa era roite(14)". (...) Que eu ia vender entradas, eu ajudava, nós tínhamos coro, fazíamos baile, tinha auxílio dos presos, coletávamos dinheiro, por exemplo, quem era simpatizava, simpatizante, mas mais me conheciam que a Biblioteca fazia teatro, fazia isso, e eu ia entre vizinhos e vendia entradas." (Léa)

Pelos trechos selecionados, é possível afirmar num primeiro momento que a noção progressista estava diretamente relacionada à idéia de não ser uma determinada coisa: sionista. A profusão dos exemplos nos auxilia a perceber a intensidade desta referência negativa como um elemento que demarca certas fronteiras sociais; são inúmeros os momentos em que elas fazem questão de evidenciar que não fazem trabalho sionista, que não estão presas a nacionalismos, que não têm uma postura política atrasada. A relação entre estas duas correntes é retratada a partir de termos como uma verdadeira guerra, uma grande briga, uma coisa muito radical(15).

A alusão a este tenso relacionamento implica numa hostilidade que é vivenciada como recíproca: Rosa alega que os progressistas eram proibidos de entrar nos ambientes de orientação sionista, e Léa chega a dizer, num certo momento, que as Pioneiras (grupo sionista feminino) desprezavam as progressistas. Esta mesma senhora faz menção ao termo roite, utilizado de forma pejorativa para designar os simpatizantes de esquerda. Trata-se portanto de uma relação pautada pela distância social, que se expressa através de termos bastante concretos, como, por exemplo, quando Brenda se refere aos dois lados (passei para o outro lado, a parte de lá)(16).

Um outro forte aspecto que parece preponderar nestas narrativas diz respeito às oposições que se estabelecem. A dicotomia progressista x sionista tem seus desdobramentos nos termos de universalismo x particularismo, ou universalismo x nacionalismo. Os trechos selecionados evidenciavam como elas articulavam um discurso que valorizava a idéia de igualdade, da superação de todos os particularismos que o judaísmo e a luta pela construção do Estado de Israel representavam. Tratava-se portanto, da idéia de um partido internacional, que

não estava vinculado a nenhum país específico, mas apenas comprometido com a luta pela implementação do comunismo a nível mundial.

No bojo desta representação, pode-se dizer que está presente uma concepção de pessoa pautada na idéia de um Indivíduo Universal. Ou seja, que os laços sociais previamente dados (família, grupo étnico, nacional, etc.) não são apresentados como sendo determinantes no estabelecimento de suas lealdades sociais; estas parecem ser criadas (ou pelo menos sua representação neste momento é feita a partir desta lógica) pelas afinidades ideológicas, pela comunhão entre iguais. Por isso, são rejeitadas as noções que remetam a uma idéia de particularismo, e a concepção universalista adquire respaldo (o critério de pertinência e adesão a este grupo é a comunhão de uma mesma ideologia). Tal cenário remete à noção de individualismo quantitativo de Simmel, onde está em jogo a idéia de um Homem Genérico, dessingularizado (não é à toa que diversas vezes elas referem-se a outros indivíduos conhecidos como elementos), que se realiza na medida em que partilha de um ideal comum, o qual tem por princípio básico a idéia de igualdade. Nota-se, portanto, um deslocamento de pontos de vista, onde a perspectiva holista anteriormente mencionada cede lugar a uma concepção individualista e igualitária de pessoa e sociedade.

A esta oposição seguia-se outra de natureza semelhante, colocada pela idéia de atraso x avanço. Esta visão evolucionista se expressa em diferentes níveis, tanto numa perspectiva política, propriamente, quando se supõe que os que estão vinculados a uma militância de esquerda são mais avançados politicamente, como também no plano dos costumes. Léa, por exemplo, joga luz sobre esta questão, quando ela associa o Yudenclub a um local onde iam moças bem comportadas, que queriam se divertir, casar, enquanto na Biblioteca iam os simpatizantes. Também Brenda sugere esta oposição, quando relaciona sua freqüência ao Clube Azul e Branco ao seu desejo de arranjar um pretendente, enquanto a Biblioteca era um local de militância. Esta diferenciação está ligada, portanto, a uma cisão de duas esferas: os valores tradicionais como casamento, arranjar um pretendente dentro da sociedade (endogamia), a manutenção de costumes morais (perpetuando o papel feminino da boa moça judia, bem comportada, casadoira, etc.), elementos que estão vinculados a um imaginário tradicional e particularista, contrapondo-se a uma outra dimensão, moderna e de caráter individualista, que preconizava uma perspectiva universalista, igualitária, vanguardista, avançada, politicamente engajada.

A idéia de que os progressistas ocupariam uma posição de avanço, contraposta ao atraso do meio circundante, se expressava também para fora da oposição progressista x sionista. Também os sefaradis(17), vistos como originários de países cuja cultura não ressaltava os elementos valorizados pelo ideário progressista, aparecem inseridos neste sistema de valores, ainda que sob a abordagem de uma pretensa igualdade:

(...) a gente se divertia, mas tudo era dentro do ambiente, dentro da nossa sociedade. [Sei, e era misturado ashkenazi com sefaradi ?] Não, você sabe que na nossa sociedade, eu pouco conheço sefaradi. Sabe por quê ? Porque a maioria das sefaradi são pessoas um pouco mais... não posso dizer atrasados, porque tem pessoas intelectuais também, mas tão desligados da civilização não específica judaica, eles estão mais ligados com religião, com...eles não se misturam muito com ashkenazi. Eu não me lembro eu ter alguém conhecido na nossa biblioteca que era sefaradi, não me lembro. Eu agora, por exemplo, tenho uma cunhada, que meu irmão já morreu, que ela é sefaradi, é da família Mizrachi, mas a família Mizrachi, tem muitos que são, assim, economicamente baixo, ela sempre, os pais delas eram quase pobres. Mas ela, ela não tem estudo, ela deve ter estudado um pouquinho, mas ela é uma pessoa, eu adoro ela, eu me dou, meu marido...Meu irmão já morreu, me dou com ela melhor do que com uma irmã, ela...é...E eu posso me dar, eu sou da natureza, com tudo isso que você tá vendo, com anotações sobre filósofos, sobre...eu estudo tudo, eu leio tudo, mas eu vou eu posso me dar com uma empregada doméstica, se ela não é muito boba, que a gente pode falar certas coisas, eu na vida sou uma pessoa muito modesta, e com ela eu tenho coisas assim não culturais, mas coisas é...imediatas da vida, eu gosto de me dar com ela. Quer dizer, "me dou", ela mora longe, mas quando eu me encontro com ela eu gosto, e ela é sefaradi, não tem cultura, não tem... mas ela é uma pessoa... conhece a vida, uma pessoa boa, uma pessoa que trabalha, ela é costureira... (Rosa)

Nesta passagem, Rosa busca enfatizar como gostava e admirava sua cunhada; ao descrever a relação que mantinham, ressalta as características que nela valorizava: o fato de ser uma pessoa boa, trabalhadora, e que

conhece a vida - ou seja, aspectos relacionados a uma concepção individualista de pessoa, como o valor do trabalho e o caráter (características pessoais, que tem-se ou não, mas não são herdadas). Outro elemento que reforça esta perspectiva é o comentário que se dava com ela melhor que uma irmã - ou seja, que as afinidades pessoais são mais importantes e mais potentes que os laços familiares.

Entretanto, por mais que Rosa tente argumentar em favor de sua perspectiva universalista e igualitária, é nítida a presença de uma hierarquização de valores em seu discurso. Sob o pretexto de que se dá com todo mundo, até com uma empregada doméstica, (desde que, é claro, ela não seja muito boba) - ou seja, que não tem preconceitos, que encara a todos de forma igual -, revela as oposições com as quais trabalha: atrasado - que pode ser igual a ser ignorante, sem cultura, e cujo contrário é ser intelectual; particularista (desligado da civilização não-judaica) em contraposição a universalista (que se dá com todo mundo: pobre, rico, judeu, não-judeu); religioso (que está também associado a atraso) versus laico (característica dos progressistas, os quais, enquanto comunistas, se designam ateus). Esta última oposição aparece também repetidamente em outras situações, havendo um desejo de diferenciação perante os demais e uma forte crítica a esta vertente.

A perspectiva da qual Rosa está se situando é nitidamente a de seu grupo da sociedade - ela está se referindo, como já vimos, ao grupo formado a partir das atividades da BIBSA. Embora a diferenciação sefaradim x ashkenazi tenha sido sugerida por mim, ela incorpora estas distinções evidenciando que não são arbitrárias, e enfatizando de que lado está: dos ashkenazim. A partir daí, deixa transparecer as categorias com as quais classifica o outro grupo, expressando a distância social que caracteriza sua relação com a cunhada e com os demais sefaradim em geral. Significativamente, o argumento que justifica seu escasso contato com esta parenta era o fato de que moravam longe. Ao que parece, essas profundas distâncias sociais não são vividas de forma consciente, o que também se revela pelo comentário justificando a ausência dos sefaradim na Biblioteca, quando ela diz que eles não se misturavam.

A abordagem destas senhoras sobre as questões relativas à Biblioteca é bastante útil para nos auxiliar a compreender os diferentes aspectos que compõem as categorias com as quais constroem sua identidade social. Observa-se um emaranhado de referências que aparecem contingencialmente, e que são salientadas conforme determinadas circunstâncias. Dentre elas, é possível destacar uma questão específica que perpassa toda a narrativa sobre este tema, que estaria centrada na oposição universalismo-particularismo.

Esta oposição se manifesta de diferentes formas. Há, por um lado, o acionamento situacional de determinados pontos de vista; ora está em jogo uma concepção de pessoa (e de política, sociedade, etc.) pautada por um imaginário moderno, individualista, igualitário, em que a idéia de universalismo portanto adquire maior vigor; ora predomina um ponto de vista nitidamente tradicional, o qual remete a relações de interdependência com a família e com o grupo étnico, acirrando uma perspectiva particularista.

Entretanto, a despeito deste deslocamento de pontos de vista, é possível afirmar que em certos momentos o que se dá não é exatamente uma alternância, mas uma tensão (nem sempre conflitual) entre estes termos que apresenta alguns desdobramentos. Ela se expressa em diferentes momentos de seu discurso, de diferentes formas, como por exemplo através de perguntas tais como: até que ponto é possível ser filiado ao Partido Comunista e manter vínculos com a sociedade judaica, e vice-versa? Ter uma perspectiva universalista implica em sair da sociedade não-judaica, mas como efetivar isto se todas as atividades narradas ocorrem prioritariamente dentro desta mesma sociedade? Se os amigos, maridos, parentes, o trabalho, a diversão, a militância, enfim, a maior parte das esferas de suas vidas estão relacionadas a este meio? Como falar-se como indivíduo, vinculado a relações eminentemente impessoais, evocando um sujeito universal, se o que constantemente emerge em suas narrativas é a perspectiva de pessoa, a relação com o coletivo (o grupo étnico, o subgrupo nacional, o universo familiar, o grupo ideológico, etc.), relacional? Se as esferas públicas e privadas se interpenetram, a casa é aberta à rua, e a rua é vista como uma casa?

As diversas referências bibliográficas que mencionam os chamados progressistas são unânimes em descrevê-los como um grupo de forte orientação universalista, como foi demonstrado, por exemplo, na citação do trabalho de Mônica Grin. Embora esta autora aponte a suas distinções internas (diferenciando os que mantêm um vínculo étnico(18) e os que romperam definitivamente com ele, aderindo incondicionalmente ao ideário

do Partido Comunista), é possível dizer que a narrativa destas senhoras (nitidamente demonstrando sua pertinência ao primeiro segmento) nos leva a problematizar esta noção de universalismo.

Seus discursos parecem apontar uma complexa relação, onde estaria se instituindo simultaneamente uma forma específica de ser judeu, e de ser comunista: ou seja, seria algo como ser judeu apenas enquanto comunista (ou de esquerda, ou simpatizante, socialista, mas de modo a deixar claro que pertence a este lado, que diferencia-o dos demais judeus), e ser comunista apenas enquanto judeu (estes são os limites de seu universalismo). Não se trata de às vezes falar na perspectiva de um judeu simplesmente, e outras sob o ponto de vista de comunistas, simplesmente (embora isto também ocorresse com bastante frequência). Em certas circunstâncias, designar-se apenas uma dessas duas noções seria incompleto, pois elas apareciam mutuamente relacionadas, e implicavam numa condição bastante específica; seria algo como a criação de uma terceira categoria diferente, denominada progressistas.

Nesta noção, o sentido de judeidade estaria ontologicamente relacionado a uma perspectiva socialista - não era incomum elas me fornecerem exemplos dentro da tradição judaica, tanto literária (Scholem Aleichem, que foi nome de escola, biblioteca, associação, e era o escritor ídiche mais citado por todas elas, por exemplo) ou mesmo religiosa (o que poderia dar margens a ser encarado como uma contradição, já que viviam dizendo-se atéias, mas, caso visto desta perspectiva, poderia indicar uma certa coerência) que comprovavam uma suposta ligação (ou vocação) do judaísmo ao ideário socialista. Este exemplo, entre outros, é um dos elementos que nos auxiliam a compreender mais profundamente o sentido do termo progressista, categoria esta fundamental na construção das fronteiras de sua identidade social.

notas

1 A análise da narrativa destas senhoras toma como ponto de partida a idéia de memória como um conceito a ser problematizado. Para tal, estamos privilegiando duas abordagens específicas, de Maurice Halbwachs e Gerard Namer. Halbwachs tem como foco de sua preocupação os quadros sociais da memória, sugerindo que a memória se forma em grupos sociais concretos, dependendo de seu relacionamento com a família, a classe social, a escola, ou outros grupos de convívio e referência peculiares ao indivíduo que lembra. Para este autor, o processo de reconstrução do passado se daria a partir de campos de significados que nos serviriam de pontos de referência. Desse modo, lembrar não seria reviver uma experiência passada, mas reconstruir essa experiência com imagens e idéias de hoje, a partir de materiais que estão à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. A lembrança de fatos passados seria um novo ponto de vista, em que as novas experiências teriam alterado a percepção do indivíduo quanto ao fato vivido antes, onde a memória da pessoa que lembra estaria amarrada à memória do grupo ao qual pertence. O autor chama a atenção ao caráter não apenas coletivo mas também múltiplo e plural da memória. Segundo ele, existirão tantas memórias quantos grupos sociais houver; ela é sempre construída dentro deles.

Gerard Namer, por sua vez, contrapõe alguns aspectos da análise de Halbwachs, sugerindo um conceito de memória distinto, pautado nas "práticas sócio-políticas" exercidas. Partindo dos fenômenos sociais observáveis, Namer discordará da possibilidade de uma memória de classe, de religião ou de grupo de profissão. Ele afirma que se existe uma memória coletiva, ela é composta de lembranças dominantes, mas não determinantes, onde sua unidade interna é acima de tudo incerta. Diz que a memória estaria fundamentada sobre um diálogo que se travaria de diferentes formas. Este ocorreria mediante a estímulos externos (um edifício que lembra a infância, por ex.), sendo entretanto processado no interior do indivíduo. A forma como aquele que está recordando registrou a lembrança e como a evoca estaria intimamente ligada ao ponto de vista do grupo no qual esse narrador se insere, dos interesses desta coletividade e de sua afetividade. Entretanto, isto não estaria restrito a um agrupamento específico, mas ao entrecruzamento de vários deles, seja do grupo de referência original (familiares, habitantes da mesma cidade ou país), seja do grupo ao qual pertencia no momento que o evento lembrado ocorreu (o chamado grupo de pertencimento), do grupo de convivência ao

longo de uma vida (círculo de amigos), ou ao qual se está contando a lembrança (um público). Nesse sentido, a narrativa implica numa seleção intencional (embora não necessariamente consciente) de palavras, expressões e estilos acessíveis a este público (ou coerentes com o grupo ao qual o narrador se articula naquele momento) e também compatíveis com o efeito que se deseja causar. Para maiores informações, cf. HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice ed., 1990, e NAMER, G. "Les Itinéraires Sociaux de la Mémoire". In : Mémoire et Societé, 1987 .

2 Os nomes reais das entrevistadas, assim como os demais por elas mencionados, foram substituídos por pseudônimos.

3 O termo *ídiche* tem múltiplos significados. Pode designar a língua falada pelos judeus chamados *ashkenazis* (oriundos do leste-europeu), ou significar o substantivo judeu, ou ainda designar o adjetivo judaico. No caso, era trabalho judaico, ou seja, realizado por judeus.

4 Rosa chegou ao Brasil em 1933, e provavelmente está se referindo a este período; as referências temporais de Léa são aproximadamente da mesma época, pois chegou no Brasil em 1927.

5 Cf. WOLFF, Egon e Frieda. Guia histórico-sentimental judaico carioca. Rio de Janeiro: Cemitério Comunal Israelita, 1987, p. 17. Os autores ressaltam a importância desta biblioteca dentre as demais no Rio de Janeiro, apresentando um acervo de cerca de 12.000 livros, jornais e revistas em *ídiche*, português, russo, polonês e hebraico. Atualmente ela encontra-se sediada na rua São Clemente, 155, mas em sua origem teve como sede a rua São Leopoldo, 13 (depois denominada rua Júlio do Carmo), onde permaneceu vários anos, e posteriormente a rua Senador Euzébio, 57, sobrado. Estas duas primeiras localizações situavam-se na Praça Onze. Cf. também MALAMUD, S. Recordando a Praça Onze. Rio de Janeiro: Kosmos ed., 1988, p. 25.

6 Cf. MALAMUD, S., op. cit.

7 Cf. IDEM, p. 59.

8 Em outros momentos de seu relato, Rosa se refere a sua vida na Romênia com bastante orgulho, o qual é motivado por sua precoce atuação junto ao Partido Comunista Romeno. Neste momento, resalta sua maturidade ao lidar com fatos políticos da época, o que implicava não apenas na sua ativa militância da esquerda mas também na perseguição que sofreu da polícia romena e sua conseqüente fuga.

9 Rosa chega à Biblioteca através de seus tios; Léa atribui à amiga Bertha Goldberg a responsabilidade por sua atuação na Biblioteca, mas a conhece através de seu irmão. Além disto, cita a importância da tia, que também participava das reuniões. Brenda irá atribuir seu ingresso à Biblioteca à chegada de seu cunhado comunista da Rússia, por volta de 1929.

10 Estou colocando entre aspas o aspecto religioso pois muitos judeus ditos progressistas diziam-se ateus, rejeitando o viés religioso. Entretanto, não deixam de estar inseridos num grupo de caráter étnico-religioso, na medida em que este é um dos elementos que caracterizam o ser judeu, ainda que muitos rejeitem este elemento na sua formulação sobre o que eles entendem por esta categoria. De qualquer modo, muitas vezes dizem-se ateus, mas não deixavam de realizar certos rituais, ou de na esfera privada professar intimamente algum credo. Deste modo, feitas as ressalvas, resolvi manter esta designação.

11 Rosa relata uma passagem sobre um rapaz judeu, conhecido da família, que se aproximou dela a título de namorá-la. Entretanto, ela diz que logo percebeu que seu real interesse era descobrir como funcionava a organização de esquerda nos setores israelitas, e portanto, não lhe forneceu informação alguma. Segundo ela, pouco tempo depois, a cozinha da BIBSA, que fornecia refeições a judeus pobres de tendência esquerdista (referiam-se a ela como a cozinha dos operários), foi invadida pela polícia getulista, e vários progressistas foram presos. Rosa resalta que nada aconteceu a ela, talvez porque, no final das contas, ele tenha realmente se afeiçoado e portanto a poupou. É interessante observar que, ao falar sobre sua vida em Iedenitz, Rosa narrou uma passagem muito semelhante, de quando estava no PC romeno e foi abordada (sob o pretexto de um interesse sentimental) por um rapaz cujo interesse real era espionar suas atividades políticas.

12 O cunhado de Brenda imigrou para o Brasil em 1929, oriundo da Rússia. Logo ao chegar desenvolveu uma intensa militância política de esquerda, trabalhando como secretário na Biblioteca Scholem Aleichem; em 1935 ingressou no PCB. Nesse momento largou suas atividades nos setores judaicos para dedicar-se exclusivamente à militância pelo partido, chegando a ter, segundo Brenda, uma grande proximidade com Luís Carlos Prestes. Algum tempo depois foi preso junto a sua esposa; ela foi solta após oito dias, mas ele

permaneceu detido, sendo torturado. Depois de um ano e meio preso, o caso foi a julgamento, e nesse período ele conseguiu fugir para a Argentina, onde permaneceu até falecer em 1959.

13 Léa está se referindo a Léa Rubinstajn, minha bisavó, e Regina, minha tia-avó, que Léa (a entrevistada) conheceu quando moraram na mesma vila no Méier.

14 Literalmente vermelho, em iídiche. Este termo é também utilizado pejorativamente no sentido de comunista, ou de alguém com tendências esquerdistas.

15 Em seu trabalho sobre as bases étnicas da mobilização política dos judeus no Rio de Janeiro, Mônica Grin chama a atenção ao fato de que a gênese da constituição comunitária deste grupo no Brasil foi marcada por um cenário recheado de conflitos de interesses e convicções políticas. Ela acrescenta que este dinamismo comunitário, expresso no conflito, foi rigorosamente fundamental para assegurar, inicialmente, a sobrevivência e a manutenção do grupo. Ela descreve então os diferentes subgrupos que predominavam neste cenário, citando os judeus-sionistas (grupo de organização fortemente particularista, cujos membros acreditavam que sobreviver como judeu significava lutar pela fundação de um Estado Nacional Judaico como única forma de assegurar a sobrevivência do judaísmo e a integridade física dos judeus no mundo; judeus-bundistas (grupo com orientação de esquerda, particularista e anti-sionista. Segundo ela, lutavam pelo direito de auto-determinação das minorias étnicas com seus valores, línguas e organização em mundo socialmente igualitário. São contra os Estados organizados em bases nacionais); judeus-socialistas (internacionalistas e anti-sionistas. Viam no socialismo a solução para o anti-semitismo, pois acreditavam que a verdadeira igualdade residia para todos os homens. A luta contra o preconceito anti-judaico representava, para o judeu-socialista, uma espécie de primeiro estágio na luta por um mundo verdadeiramente igualitário); judeu-ortodoxo (Particularista. Acreditava que o mainstream do judaísmo era sua dimensão religiosa) e judeus-liberais (universalistas e interacionistas. Defendiam a manutenção da identidade étnico-religiosa como assunto de natureza privada que não pode se confundir com os interesses dos cidadãos, estes sim orientados para a vida pública). Cf. GRIN, M., *Etnicidade Judaica e as Armadilhas da Contingência*. Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), sob a orientação de Renato Raul Boschi, 1992, pp. 112-116.

16 Seria interessante fazer um comentário adicional sobre esta extrema polarização (sionistas x progressistas) manifestada no discurso destas senhoras, e que tem ligação com o cenário político da comunidade judaica durante os anos 40 e 50. Como se evidenciou anteriormente, havia diferentes tendências políticas, que se expressavam através de um vigoroso embate de idéias e disputas por redutos dentro do cenário político comunitário. Entretanto, com o passar do tempo, tais disputas foram polarizando entre estas duas tendências, sendo que progressivamente os sionistas foram conquistando espaços institucionais e também uma forte adesão entre os membros da própria comunidade. Nos dizeres de Bernardo Sorj, houve uma sionificação da comunidade judaica, e, posteriormente, uma israelização da mesma, na medida em que após a constituição do Estado de Israel os órgãos sionistas passaram a funcionar como representantes da política israelense (cf. SORJ, B. *A dialética do Holocausto*. In: *Novos estudos - CEBRAP*, vol. 2, n.2, julho de 1983.). Desse modo, um dos motivos que explicam a constante ênfase destas senhoras sobre este outro grupo parece estar também relacionado a um contexto de um grupo que viu-se perdendo espaço no mercado político, em detrimento de um outro segmento com o qual estabeleceu uma relação de disputa. É interessante que Fortuna, Jacqueline e Ingrid (as demais entrevistadas) revelaram pertencer a grupos femininos sionistas (como WIZO, Pioneiras, etc.), mas em suas narrativas nunca houve menção alguma às progressistas. Ou seja, suas referências para demarcar as fronteiras desta identidade social passavam longe deste grupo.

17 Sefaradi é o termo utilizado para designar judeus oriundos da Península Ibérica, que foram expulsos pelos reis católicos no século XV, e que se espalharam pelo norte da África, Ásia Menor e Mediterrâneo.

18 Cf. GRIN, M., op. cit., p. 115. Esta mesma autora diferencia dois subgrupos entre o que ela denomina de judeus-socialistas: os que romperam efetivamente com qualquer vínculo com sua comunidade étnica, como, por exemplo, Maurício Grabois, Moisés Vinhas, Leôncio Basbaum, Jacob Gorender, que ela denomina socialistas judeus, em contraposição aos judeus socialistas. Estes últimos, segundo ela, preservaram uma forte vinculação étnica, e intermediavam as relações entre o Partido Comunista Brasileiro e a comunidade judaica, tendo criado nos anos 30 uma seção judaica (provavelmente a facção judaica a que se referem Brenda e Rosa).

Kátia Lerner
(ESS / UFRJ)

XXI Encontro Anual da ANPOCS